

O VALOR DO CULTO PÚBLICO NA VIDA CRISTÃ

*Heber Carlos de Campos Júnior**

RESUMO

A pandemia da COVID-19 revelou uma teologia de culto com pouco discernimento acerca dos diferentes tipos de culto e os efeitos de enfatizar uma espiritualidade privada. Tal teologia resultou numa desvalorização do culto público. A tradição reformada tem defendido que o culto público faz parte da essência da igreja e sem ele a igreja deixa de ser o que é: doxológica e reunida. Além disso, essa mesma tradição historicamente tem defendido a prioridade do culto público sobre a adoração privada para o bem-estar de nossa vida cristã. Por isso, o culto público é visto como necessário e proveitoso para cultivar uma espiritualidade saudável.

PALAVRAS-CHAVE

Culto público; Eclesiologia; Vida cristã; Pandemia de COVID-19; David Clarkson.

INTRODUÇÃO

Debates teológicos sobre o culto público nas últimas décadas quase sempre giraram em torno de dois assuntos interligados: o estilo de culto e o princípio regulador do culto. No que tange ao estilo de adoração, o conflito entre gerações quanto ao uso de certos instrumentos e tipos de músicas promoveu uma dicotomia entre o “tradicional” e o “contemporâneo”. Muitas foram as publicações que trataram dessa “guerra” propondo argumentos para um lado e para o outro. O segundo assunto principal, mais restrito ao meio presbiteriano

* Doutor em Teologia Histórica (Ph.D.) pelo Calvin Theological Seminary (Grand Rapids, Michigan); mestre em Teologia Histórica (Th.M.) pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper; professor de Teologia Histórica no CPAJ e de Teologia Sistemática no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. Pastor da Igreja Presbiteriana do Parque das Nações, em Santo André (SP).

reformado, é o resgate dos fundamentos histórico-teológicos para o culto naquilo que ficou teologicamente conhecido como o princípio regulador do culto: “o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo e tão limitado pela sua vontade revelada, que não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens” (*Confissão de Fé de Westminster* 21.1). As publicações de editoras reformadas e conservadoras quanto à temática do culto quase sempre tocaram nesses dois assuntos.¹

Todavia, a pandemia da COVID-19 que teve os primeiros impactos no Brasil no início de 2020 suscitou uma nova preocupação quanto ao culto que antecede os assuntos delineados acima. Surgiu um desafio até então incomum em meios evangélicos conservadores: a manutenção do culto público. Isto é, se antes a conversa girava em torno de como cultuar, agora a preocupação era se havia necessidade de se juntar para cultuar. Ainda que o debate em torno dos desigrejados já fosse uma realidade,² a pandemia afetou a prática de culto de quem antes não se via isolado da igreja. No entanto, o isolamento social proposto por órgãos governamentais trouxe à tona o desafio de continuar cultuando coletivamente, ainda que separados fisicamente. Muitas igrejas que demoraram a retornar com os seus cultos presenciais sentiram o impacto de terem um número reduzido de pessoas compondo o ajuntamento solene.

Com a determinação do isolamento inclusive para as igrejas, duas realidades já existentes anteriormente ganharam proeminência até então impensável. A primeira foi a transmissão online de cultos substituindo nossos encontros dominicais. Embora essa alternativa tenha surgido como um “substituto” provisório, a verdade é que ela revelou o nosso fascínio pelo virtual e acabou permanecendo em muitas igrejas que antes não tinham a transmissão de cultos presenciais. Isto é, igrejas voltaram gradativamente aos seus encontros, mas as transmissões iniciadas na pandemia não cessaram. Com isso, criou-se o espaço para pessoas continuarem a “acompanhar” suas igrejas à distância.

A segunda realidade que ganhou proporções impressionantes é decorrente da primeira. Com as pessoas em casa e a opção de muitas transmissões cúlticas ao nosso alcance, proliferou-se a tendência para a devoção individual e autônoma. Isto é, como muitos pastores não tinham como acompanhar de perto as

¹ Para alguns exemplos de publicações em português que refletem essas preocupações, ver: ANGLADA, Paulo. *O princípio regulador no culto*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, s.d.; LOPES, Augustus Nicodemus. *O culto espiritual*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999; FRAME, John. *Em Espírito e em verdade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006; HORTON, Michael. *Um caminho melhor*. Trad. Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2007; COSTA, Hermisten M. P. da. *Princípios bíblicos de adoração cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009; LOPES, Augustus Nicodemus. *O culto segundo Deus: a mensagem de Malaquias para a igreja de hoje*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

² Para um panorama histórico e contemporâneo sobre os desafios quanto à frequência na igreja, ver: MATOS, Alderi Souza de. “Não deixemos de congregar-nos”: enfrentando o problema da evasão de membros. *Fides Reformata*, v. 19, n. 1 (2014): 21-33.

suas ovelhas, elas revelaram a tendência de escolher o pregador que queriam ouvir (uma dieta autodeterminada), sem ter a necessidade de prestação de contas uns aos outros. Afinal, não se contabilizaram as ausências nos cultos como se costumava fazer e nem se promoveu um pastoreio mais próximo como dantes. Abriu-se a porta para as pessoas focalizarem ainda mais na devoção pessoal, nos momentos de adoração particular, sem perceber os danos da ausência do culto público.

Essas duas realidades não são meramente soluções pragmáticas, mas surgiram em decorrência de uma teologia do culto que já estava presente quando a pandemia chegou. Por isso, o objetivo deste breve artigo é primeiramente delinear que tipo de teologia de culto está por trás dessas tendências contemporâneas. Isto é, qual teologia do culto a pandemia revelou e porque ela é danosa. Em segundo lugar, este ensaio resumirá como a teologia reformada delinea o culto como algo que faz parte da própria essência da igreja e, assim, é vital para a saúde individual e eclesial do povo de Deus.

1. A TEOLOGIA DO CULTO QUE A PANDEMIA REVELOU

É bem sabido que esta pandemia da COVID-19 não foi a primeira vez que o isolamento social virou uma preocupação preponderante, mas talvez pouco se saiba das reações que a igreja de Cristo teve em face de outras pandemias ao longo da história. No período patrístico, Dionísio, bispo de Alexandria, testifica que durante uma praga no terceiro século (entre os anos 250-270 AD), os cristãos do norte da África demonstraram amor e lealdade irrestritos, nunca se poupando no cuidado de outros, enquanto pagãos abandonaram os seus amados para se protegerem do contágio fatal. Na Reforma, temos informação de que Ulrico Zuínglio, Martinho Lutero e João Calvino enfrentaram ondas da peste negra ministrando às vítimas, cuidando de enfermos e visitando os lares dos infectados. Lutero até formulou parâmetros éticos indagando quando era lícito alguém deixar uma cidade infectada. Em meados do século XIX, Charles Spurgeon enfrentou uma grande contaminação de cólera na cidade de Londres e resolveu priorizar o ministério local (como mais importante do que as saídas para pregar), continuou os encontros de culto ainda que com ajustes, cuidou dos enfermos e buscou novas oportunidades evangelísticas. Na epidemia da gripe espanhola em 1918-1919, a Igreja Cristã Reformada na América do Norte tirou lições da providência no tempo em que ficou impedida de se reunir para culto: valorizar os privilégios da igreja, a comunhão com o povo de Deus e a utilidade da literatura religiosa para o momento no qual ainda não estavam indo à igreja.³

³ WITVLIET, John D.; SNYDER, Noel; CORNOU, María; JANG, Chan Gyu. *Pandemics and Public Worship Throughout History*. Disponível em: <https://worship.calvin.edu/resources/resource-library/pandemics-and-public-worship-throughout-history/> Acesso em: 9 jun. 2022.

O que essas histórias revelam é que, em geral, os fiéis não se isolaram em outros momentos de pandemia. Em tempos de poucos cuidados médicos, fiéis não fugiram, mas permaneceram para cuidar dos enfermos. Mais do que apenas permanecerem juntos, eles celebraram a comunhão e os privilégios da reunião pública. Em certos casos obedeceram às proibições governamentais sem desvalorizar a reunião pública, e em outros casos continuaram os cultos ainda que sob ajustes. Em todos os exemplos, permanecerem fisicamente juntos servindo uns aos outros, e adorar a Deus corporativamente nunca deixou de ser uma prioridade. Eles simplesmente reproduziram a preocupação contida no capítulo 21 da *Confissão de Fé de Westminster* (1646) sobre a manutenção do culto público: “... assembleias públicas, que não devem ser descuidadas, nem voluntariamente negligenciadas ou desprezadas, sempre que Deus, pela sua providência, proporcione ocasião” (21.6).

Em contrapartida, a pandemia do século 21 foi a ocasião para presenciarmos uma crescente desvalorização do culto público. O “cuidado de vidas” se tornou o contexto para menosprezar o cuidado do coração. Muitas foram as críticas em torno de reuniões eclesiais, dizendo que cultuar publicamente era um risco desnecessário.⁴ Ironicamente, o povo evangélico sempre admirou a igreja primitiva por adorar em catacumbas durante as perseguições do Império Romano, assim como admira a igreja perseguida que faz de tudo para reunir um grupo pequeno de pessoas numa sala escondida a fim de cultuar. No entanto, por que é que irmãos do passado faziam e do presente fazem, mesmo envolvendo tantos riscos? É porque entenderam que o culto público é uma atividade essencial, sem a qual minguamos espiritualmente. Eles entenderam que o culto público, a adoração a Deus enquanto povo, é a atividade mais emblemática de nossa existência. Eles entenderam que a graça é melhor do que a vida (Sl 63.3).

Se nossos irmãos dispostos a assumir riscos calculados para cultuar compreenderam a relevância do culto público, outra teologia do culto se fez muito evidente durante a pandemia. Uma teologia própria de muitos evangélicos, mas que destoa da tradição reformada. Não que essa teologia evangelical de culto seja nova. Ela já estava presente antes da pandemia. Todavia, o isolamento social em massa e os temores generalizados revelaram essa teologia já existente. Dentre várias possíveis considerações dessa teologia, destacam-se duas características teológicas e seus respectivos resultados práticos. As características teológicas já faziam parte dessa teologia evangélica há muito tempo enquanto os resultados práticos são aquilo que a pandemia despertou por conta das premissas teológicas.

⁴ Cf. LIMA, Allan Renné Alexandrino de. Sobre o culto público em dias de pandemia. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/sobre-o-culto-publico-em-dias-de-pandemia/>. Acesso em: 9 jun. 2022.

1.1 Falta de distinção entre tipos de culto e o surgimento do “culto online”

A primeira característica teológica é a falta de distinção entre tipos de culto. O evangelicalismo perdeu de vista a importância do culto público quando desprezou a singularidade do dia do Senhor chamando todo dia de santo e chamando toda atividade eclesial de culto. Não é incomum em igrejas reformadas nós chamarmos todo tipo de atividade eclesial de culto: programações eclesiais de jovens ou mulheres, comemorações de aniversários ou nascimentos, dentre outras atividades. Tal generalização acabou nivelando tais cultos comemorativos com os cultos dominicais. Tal equiparação perde de vista a prática comum entre reformados de distinguir e priorizar. A *Confissão de Fé de Westminster* distingue culto privado, familiar e público, chamando o último de mais solene: “Deus deve ser adorado em todo lugar, em espírito e em verdade, tanto em família, diariamente, e em secreto, estando cada um sozinho, como também, mais solenemente, em assembleias públicas” (21.6).

O resultado prático dessa falta de distinção foi a inovação do “culto online” como equivalente ao encontro dominical que se tinha anteriormente. O aspecto inovador não está em igrejas que antes não transmitiam agora comecem a transmitir seus cultos, mas em pensar que a reunião virtual não é menos real do que a reunião física. Pelo contrário, existe até um elemento melhor: um alcance maior de pessoas. A tecnologia virou parcialmente reparadora de uma situação que deveria ser alvo de nosso lamento, a distância de nossos irmãos por longo período. Assim como educadores viram a pandemia como um “abrir dos olhos” para o potencial da educação a distância, é como se igrejas enxergassem o culto online como a nova fase de nossos trabalhos.

Ao fomentar a cultura virtual até na esfera eclesial, fornecemos munção àqueles que não “se encaixam” em nenhuma igreja de sua região a procurarem ser “pastoreados” pelo seu pregador predileto. Ninguém desconsidera a validade de ter vídeos que nos instruíram nas Escrituras durante o tempo de nosso isolamento, como a literatura foi instrutiva durante a gripe espanhola. Todavia, o efeito colateral foi que se acentuou o número de evangélicos que amam mais a teologia do que a igreja local, evangélicos repletos de problemas que preferem sanar suas dúvidas e aflições através do Instagram de seu “guru” do que com o pastor da igreja próxima a ele.

Antes de uma réplica teológica a esse tipo de pensamento, é importante levantar os problemas práticos. O fato de pessoas conectadas a algum aplicativo cantarem a mesma música ou ouvirem a mesma palavra na mesma hora, cada um em sua casa, é simplesmente “sincronia”, o que não é substituto de reunião física. Antes mesmo da pandemia nós já podíamos combinar o horário de culto com um irmão do outro lado do mundo e acompanharmos a mesma liturgia de forma sincrônica (eu às 8h da manhã e ele às 8h da noite), mas não dizíamos

que participamos do mesmo culto. Quem assiste o culto pelo Youtube não está cultuando com a igreja presente, mas cultua sozinho no mesmo momento da igreja. Porém, ele não está com a igreja. As cartas de Paulo exemplificam a possibilidade de realizar instrução à distância sem, contudo, experimentar todas as realidades próprias da vida eclesial. Há certos dons e serviços que são compartilhados presencialmente (Rm 1.9-15; 1Ts 2.1-2) e, por isso, Paulo orientou um ato de disciplina que só a comunidade local poderia realizar (1Co 5.3-5), além de recomendar liderança local aos coríntios (1Co 16.15-18), um papel que ele não conseguia exercer plenamente à distância.

Não podemos achar que “culto virtual” é igual a culto presencial, assim como ver a Cristo com os olhos da fé agora não é semelhante a vê-lo em glória no porvir.⁵ Os meios virtuais não suprem elementos-chave do culto público. Não podemos experimentar todas as coisas do culto quando estamos sozinhos: não expressamos nossa alegria em louvores a uma só voz, não batizamos virtualmente e não partilhamos do pão da ceia, que constitui uma refeição compartilhada. Além disso, somos bastante “passivos” quando “assistimos” o culto pelo Youtube. A cultura de acessibilidade à informação na internet a qualquer momento e a falta de um local específico para a adoração pública, não ajudam a praticar uma orientação antiga da tradição reformada: a de se preparar para o culto adequadamente, julgando que é dever dos ouvintes também se prepararem para ouvir a Palavra (Mt 13.9; Mc 4.24; Lc 8.18; Ap 2.7,11,17,29; 3.6,13,22). Estar sozinho no ambiente do lar facilita as distrações (múltiplas tarefas realizadas em conjunto com o ouvir a Palavra) e dificulta a discussão proveitosa com outros irmãos como forma de processar o ensino. Estamos perdendo a oportunidade de fortalecer uns aos outros com orações (At 1.14; 4.24) e com cânticos (Ef 5.18-19; Cl 3.16).

1.2 Espiritualidade privada e a tendência à devoção autônoma

A segunda característica teológica do evangelicalismo que influenciou o entendimento de culto é a espiritualidade privada. Essa espiritualidade individualista era o que alimentava os desigrejados a serem tão ácidos contra a instituição igreja sem se indisporerem contra a fé cristã desincorporada (dissociada de corpo eclesial). Mas a espiritualidade privada não é exclusividade

⁵ Jim Davis e Skyler Flowers afirmam que o culto online é como um soldado enviado a outra nação que mantém uma relação com a sua esposa pelo Zoom (nada com o qual devemos nos acostumar) ou, pior, jogar futebol no videogame e alegar ser um jogador profissional no Brasileiro. Existem dados suficientes para mostrar que o culto online favorece a cultura do consumo, abre a porta para a preguiça (ou conveniência) e induz as pessoas a pensarem que estão amadurecendo espiritualmente. Alcance evangelístico ou dos membros que estão enfermos em casa não justificam distorcer o conceito de culto dando-lhes um substituto impróprio. DAVIS, Jim; FLOWERS, Skyler. Why our church will unplug from streaming”. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/article/why-church-will-unplug/>. Acesso em: 9 jun. 2022.

de movimentos alternativos. A malha teológica de igrejas evangélicas define devocional de forma quase que exclusivamente individualista; o chamado “momento a sós com Deus” é praticamente sinônimo de devocional, é o alimento da devoção.⁶

Michael Horton faz uma constatação perspicaz acerca da espiritualidade evangelicalista norte-americana que nós herdamos no Brasil:

O pietismo evangélico começou como um movimento de renovação nas igrejas da Reforma, contudo, cada vez mais, tendeu a reduzir a fé a uma experiência subjetiva interna. A verdadeira ação acontecia em devoções particulares, em *reuniões religiosas secretas* ou *clubes santos* (o que hoje chamaríamos de pequenos grupos). O reavivalismo americano foi mais radical ainda, esperando a *verdadeira ação* de formação cristã ocorrer completamente fora do ministério comum da igreja. Os cristãos ainda devem se reunir semanalmente, mas o Espírito realmente desceu quando o evangelista veio para a cidade e os métodos extraordinários que empregou produziram a agitação.⁷

O resultado prático desse enfraquecimento da instituição eclesiástica e da espiritualidade pública é a tendência à devoção individual e autônoma, como já foi mencionado na introdução. Além de as pessoas criarem sua própria dieta de vídeos a assistir (“eu escolho quem eu quero ouvir”), houve evangélicos que julgaram que a pandemia até ajudou a melhorar a vida cristã, pois proporcionou mais tempo em casa para leitura bíblica e oração. Ao invés de julgar a falta do contato com os irmãos como causa de certas deficiências, as pessoas viram um avanço, pois pensam em espiritualidade de forma muito individualista.

A fé reformada não descarta a importância de uma vida de devoção individual, de integridade de vida, pois ela serve como preparatória para a adoração pública (Mt 5.23-24; Hb 10.22). Porém, o destaque reformado está na espiritualidade produzida pela vida comunitária. Seguindo a ênfase neotestamentária de que “a fé vem pela pregação” (Rm 10.17), não pela leitura devocional, a resposta à pergunta 89 do *Breve Catecismo de Westminster* afirma: “O Espírito de Deus torna a leitura, *especialmente a pregação da Palavra*, meios eficazes para convencer e converter os pecadores, para os edificar em santidade e conforto, por meio da fé para a salvação”. A igreja é criação da Palavra, como diz Michael Horton, e, por isso, a adoração é nossa resposta à

⁶ Cf. CAMPOS JÚNIOR, Heber Carlos de. “Cor meum tibi offero Domine, promptly et sincere”: um ensaio introdutório sobre espiritualidade reformada. *Fides Reformata*, 26, n. 1 (2021), p. 64-65.

⁷ HORTON, Michael. *Cristianismo sem Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 178. Horton também diz que o Iluminismo passou a autoridade final na religião da igreja para a mente do indivíduo e o pietismo e o romantismo colocaram a autoridade final na experiência do indivíduo. Isso mostra como o evangelicalismo foi tanto o facilitador como a vítima do secularismo moderno (p. 187).

beleza gloriosa de Deus a nós anunciada.⁸ Edmund Clowney assevera que ainda que nossa devoção individual nos aproxime do Senhor, devemos nos lembrar de que a graça que nos une ao Senhor é a mesma que nos une aos membros do seu corpo e, por isso, devemos estimar a bênção do culto comunitário como o ápice da comunhão com Deus e com o próximo. “Na adoração corporativa nós experimentamos o sentido da união com Cristo. Nós adoramos mais plenamente quando juntos ouvimos suas palavras a nós e encorajamos uns aos outros a crescer na graça e no testemunho ao mundo”.⁹

Essa preocupação com o culto público como ajuntamento físico de pessoas é essencial à eclesiologia reformada e é para tal ênfase que nos voltamos agora.

2. O PAPEL DO CULTO SOLENE NA VIDA DA IGREJA

Os teólogos reformados têm pensado a eclesiologia como sendo intrinsicamente relacionada ao nosso entendimento do culto, especialmente da adoração comunitária. Essa teologia reformada do culto público é derivada, primeiramente, da constante ênfase bíblica na reunião do povo ao longo de toda a Escritura. A lei mosaica exigia que Israel se reunisse corporativamente para festas sagradas (Ex 34.18-28; Lv 23). Wayne Mack observa que se o povo de Israel montava o seu acampamento ao redor do tabernáculo e Jerusalém repetiu a centralidade do templo, então devemos compreender a importância de nos reunirmos como um só povo adorador. O Salmo 95 enfatiza “vir”, “sair ao seu encontro” (v. 1, 2, 6), verbos que representam uma reunião física no local de adoração pública.¹⁰ Os reis piedosos da história de Judá promoveram encontros que incluíam a vinda de membros das tribos do Norte para adorar em Jerusalém, com o intuito de ouvir a leitura da lei e oferecer o sacrifício pascal (2Cr 30.1-8, 11-13; 2Cr 34.30). David Vandrunen recorda que “Jesus adorou nas sinagogas aos sábados como um costume regular (p. ex., Lc 4.16) e também observou as festas anuais em Jerusalém (p. ex., Jo 2.13; 5.1; 7.10; 10.10)”.¹¹

Ligon Duncan observa uma mudança secundária ocorrida em Pentecostes, mas que não afetou a essência do culto congregacional: “O lugar de adoração da nova aliança não está mais inextricavelmente ligado a uma localização geográfica e uma estrutura física, mas a um povo reunido”.¹² Isto é, pode ter

⁸ HORTON, *Cristianismo sem Cristo*, p. 177.

⁹ CLOWNEY, Edmund P. Corporate Worship: A Means of Grace. In: RYKEN, Philip Graham; THOMAS, Derek W. H.; DUNCAN III, J. Ligon (Orgs.). *Give Praise to God: A Vision for Reforming Worship*. Phillipsburg, NJ: P&R, 2003, p. 95.

¹⁰ MACK, Wayne A.; SWAVELY, David. *A vida na casa do Pai*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 90, 92.

¹¹ VANDRUNEN, David. *Glória somente a Deus: o coração da fé e da vida cristãs*. Trad. Jader Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 113.

¹² DUNCAN, Ligon. Prefácio de MERKER, Matt. *Culto público: a igreja reunida como povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2022, p. 18.

mudado do templo de Jerusalém para catacumbas ou sinagogas, mas o conceito de ajuntamento continua. Em Atos, a igreja se reuniu num mesmo local para ouvir a pregação da Palavra, para partir o pão e para a oração – meios de graça próprios da adoração corporativa – repetidas vezes (At 2.42; 4.23-31; 5.12; 20.7). Paulo se referiu às igrejas de Roma e Corinto como aqueles que se reúnem em determinada localidade (Rm 16.5, 14-15; 1 Co 11.18, 20; 14.23, 26) para adorar. O apóstolo ainda ordenou que se fizessem atividades que só podem ser realizadas em conjunto: instruir e encorajar uns aos outros com palavras e cânticos (Ef 5.18-19; Cl 3.16) e ler as Escrituras publicamente (1Tm 4.13). A Epístola aos Hebreus proíbe os crentes de deixarem de se congregar (Hb 10.25). Portanto, a necessidade do culto público na vida cristã permeia diferentes partes do cânon sagrado.

A partir do extrato bíblico resumido acima, os teólogos reformados têm formulado o culto público como parte inerente à eclesiologia. Não é possível pensar numa eclesiologia reformada sem ponderarmos sobre o papel que a adoração comunitária ocupa. Há pelos menos duas características essenciais à igreja que estão relacionadas ao ajuntamento solene. As duas características abaixo de forma alguma esgotam a natureza da igreja, mas elas refletem aspectos da essência da igreja diretamente ligados ao culto público.

Em primeiro lugar, a teologia reformada afirma que a igreja é *doxológica*. A igreja não só é orientada para a glória de Deus, mas é incumbida de anunciar sua glória entre as nações (Sl 96.2-3). Greg Allison diz que “a proclamação das excelências do Deus que foi misericordioso para com a igreja é a *raison d’être* doxológica da igreja (1Pe 2.9,10)”.¹³ Allison vai adiante quando afirma que a igreja deve ser “ortodoxológica”, orientada para a glorificação correta, não idolátrica. Por isso é que Paulo, quando alerta contra a tentação de a igreja ser enganada em sua crença e proclamação (2Co 11.1-4), age como pai da noiva ou amigo do noivo (qualquer uma das figuras se encaixa) que assume a responsabilidade de apresentar a noiva pura para o dia do casamento.¹⁴ Donald Whitney instrui que a analogia do templo é muito útil para retratar essa preocupação doxológica do aspecto coletivo da igreja, pois embora o indivíduo seja templo do Espírito (1Co 6.19), a Escritura fala muito mais sobre a coletividade cristã ser templo de Deus (1Co 3.9,16-17; 2Co 6.16; Ef 2.19-22; 1Pe 2.5).¹⁵

É no meio da congregação que Jesus canta conosco e lidera a nossa adoração (Hb 2.12). Edmund Clowney comenta esse texto:

¹³ ALLISON, Greg. *Eclesiologia: uma teologia para peregrinos e estrangeiros*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2021, p. 114.

¹⁴ *Ibid.*, p. 115-116.

¹⁵ WHITNEY, Donald S. Private Worship. In: RYKEN, THOMAS, DUNCAN, *Give Praise to God*, p. 290.

No Espírito, nós adoramos no céu na grande assembleia em que Jesus está. No Espírito, Jesus adora na terra na congregação onde nós estamos. No céu e na terra, nós estamos na presença de Jesus. A sua presença na adoração coletiva nos assegura que a nossa adoração coletiva é para nós um meio de graça. Nós experimentamos graça na adoração coletiva quando, pelo Espírito, sabemos que o Senhor está conosco. Essa realidade nós percebemos pela fé.¹⁶

Em segundo lugar, a teologia reformada afirma que a igreja é *reunida*, um ajuntamento. Matt Merker afirma que a razão teológica mais profunda por trás do culto público é o fato de que “Deus reúne seu povo”.¹⁷ Isto é, a reunião de pessoas em adoração corporativa é a demonstração pública da obra redentora de Deus.¹⁸ É porque somos alvo das “misericórdias de Deus” que oferecemos sacrifício de adoração (Rm 12.1). A igreja, portanto, é uma convocação divina. Se a igreja nunca se reúne ela não se mostra igreja. Não que a reunião seja algo que a igreja faz, mas é o que a igreja é. “Deus nos salvou como indivíduos para *sermos* uma assembleia comunitária”.¹⁹ É claro que os fiéis se reúnem, se dispersam e depois se reúnem novamente; os membros continuam fazendo parte da igreja ao longo da semana porque estão unidos espiritualmente a Cristo. Todavia, é em sua reunião que a igreja se torna visível para si mesma e para o mundo.²⁰

Jean-Jacques Von Allmen argumenta que o culto é a “epifania” ou aparição da igreja. A igreja é uma assembleia litúrgica. O culto é o instrumento pelo qual a Igreja se torna ela mesma, demonstrando qual a sua verdadeira natureza.²¹ A razão de o Novo Testamento ter utilizado o vocábulo *ekklesia* é que essa foi a palavra utilizada pela Septuaginta para traduzir o hebraico *qahal*, a assembleia do povo reunido diante de Deus (Dt 4.10; 9.10; 18.16). O Novo Testamento reforça esse aspecto de a igreja ser o povo reunido por iniciativa divina (1Co 11.18; 14.23), de tal forma que “a Igreja é, em essência, o povo escatológico reunido para encontrar-se com o seu Senhor e tornar-se ele mesmo nesse encontro e por meio dele”.²² Isto é, para que a igreja tenha uma consciência eclesial é indispensável que ela cultue coletivamente.

Como o culto é a epifania da igreja, podemos inferir cinco consequências que aumentam nossa percepção de assembleia litúrgica. Primeiro, a igreja é por

¹⁶ CLOWNEY, Corporate Worship: A Means of Grace, p. 96.

¹⁷ MERKER, *Culto público*, p. 51.

¹⁸ Para as várias formas pelas quais Deus ministra ao seu povo reunido, veja MERKER, *Culto Público*, p. 64.

¹⁹ *Ibid.*, p. 53.

²⁰ *Ibid.*, p. 56-61.

²¹ VON ALLMEN, J. J. *O culto cristão: teologia e prática*. São Paulo: ASTE, 2005, p. 41.

²² *Ibid.*, p. 42.

natureza *retirada do mundo*. Tirada do Egito, Israel se tornou povo. “Só após haver passado pelo Mar Vermelho Israel foi constituído em *qâhâl Yahweh*, em EKKLESIA TOU THEOU”.²³ Por isso, Von Allmen argumenta que, mediante o culto, a igreja estabelece uma ruptura com o mundo, mostrando-se uma “comunidade batismal”, isto é, separada do mundo. Em segundo lugar, a igreja é essencialmente *comprometida com o noivo*. Culto é a resposta “sim” da noiva à chamada do noivo. Isto é, quando cultuamos nós demonstramos ser uma comunidade de fé, que publicamente se compromete com Cristo. Von Allmen chama essa característica de “comunidade nupcial”.²⁴ Em terceiro lugar, a igreja é ontologicamente *diversificada na membresia*. A Igreja também é uma “comunidade católica”,²⁵ isto é, universal. No culto, fica visível que a Igreja transcende as barreiras sociológicas com gente de todo tipo (Gn 3.28), alcança diferentes regiões (2Co 8.1-5; Cl 1.6) e une os fiéis de diferentes séculos no mesmo gesto de adoração. Essas são as dimensões sociológica, geográfica e temporal da catolicidade da igreja.

Em quarto lugar, a igreja é por natureza *orientada para o outro*. O culto também revela a igreja enquanto “comunidade diaconal” orientada para Deus e para o próximo.²⁶ As diversas funções reveladas no culto e convocadas pela palavra (1Pe 4.10) manifestam a sua vocação ministerial, isto é, de serviço. Em quinto lugar, a igreja é *enviada para o mundo*. O último ponto diz respeito à comunidade apostólica. “A intermitência do dia de culto ensina à Igreja que ela ainda está no mundo, que o grande ‘Sábado’ ainda não raiou”.²⁷ Von Allmen continua dizendo que “o culto é a epifania da Igreja enquanto comunidade missionária no sentido de que ele obriga a Igreja a enviar ao mundo, no correr dos demais dias da semana, os que, vindo do meio do mundo, ela reuniu no primeiro dia da semana”.²⁸ Essas cinco características revelam que “o culto ‘congregacionaliza’ a Igreja”.²⁹ Ainda que a catequese, a estrutura ou a diaconia sejam importantes, nenhuma delas é tão reveladora da essência da igreja quanto o culto.

²³ Ibid., p. 44.

²⁴ Ibid., p. 46. Sean Michael Lucas trabalha este aspecto do culto chamando de “pactual”, onde Deus toma a iniciativa, mas também requer mutualidade. Como o culto é pactual, existe um movimento de duas direções entre Deus e o seu povo, o que chamamos de um diálogo entre as partes, e uma renovação da aliança no ato do culto. A santidade não é um pré-requisito que nos qualifica para adorar a Deus, mas o resultado de uma piedade promovida em ambiente comunitário, principalmente por meio da Palavra e do sacramento em culto público. LUCAS, Sean Michael. *O cristão presbiteriano: convicções, práticas e histórias*. Trad. Elizabeth Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 122-126.

²⁵ VON ALLMEN, *O culto cristão*, p. 47.

²⁶ Ibid., p. 48-49.

²⁷ Ibid., p. 49.

²⁸ Ibid., p. 50.

²⁹ Ibid., p. 51.

Clowney acrescenta a observação de que na Primeira Epístola aos Coríntios a adoração corporativa é distinta das reuniões em casas (1Co 11.18; 14.34-35); os dons são compartilhados em reuniões da igreja (14.29). A própria palavra *ekklesia* aponta para o fato de que a igreja é uma assembleia, formada de pessoas que foram chamadas para fora de suas casas a fim de se colocarem conjuntamente perante o Senhor. É claro que em contextos de perseguição ou pandemias, os ajuntamentos podem ser feitos em casas (Rm 16.4-5) ou em assembleias maiores. Porém, igrejas em casas não são unidas por laços de sangue, mas pelo sangue de Cristo.³⁰

Já que a igreja é essencialmente uma reunião doxológica, um ajuntamento cúltilo, David Vandrunen argumenta que a adoração corporativa é a mais importante forma de prestar culto ao Senhor porque “a Escritura descreve a adoração nos céus como de natureza corporativa”. Ele comenta que o Apocalipse retrata a milícia angelical prestando adoração (Ap 5.9-12; 4.12; 15.3-4; 19.1-8) e Hebreus descreve a Jerusalém celestial como uma assembleia adoradora de anjos e cristãos aperfeiçoados (Hb 12.22-23).³¹ Como os vislumbres de adoração no céu sempre são congregacionais, Donald Whitney conclui que a adoração congregacional é mais parecida com o céu do que a adoração privada. Afinal, no culto público a glória de Deus é declarada de forma mais abrangente, é mais edificante do que o culto privado por causa da presença e dons de outros na sua vida, assim como a sua presença e dons são bênção na vida de outros no culto público.³² Portanto, ao admitir que o céu é “um local de adoração corporativa”, Vandrunen conclui que nossa “adoração aqui na terra antecipa e até mesmo agora faz parte da adoração celestial”. Em outras palavras, o que faremos no porvir perfeitamente, nós “já começamos a fazer, mesmo imperfeitamente, aqui na terra”.³³

3. UM EXEMPLO DA HISTÓRIA DA IGREJA

Se na seção anterior discorreu-se acerca da necessidade do culto através da pena de vários escritores reformados contemporâneos, esta seção revelará um exemplo do século 17 que testifica que essa teologia do culto é parte da tradição reformada. Alertar para a negligência do culto público é uma preocupação antiga entre os reformados. Resgatar esse trecho da história nos ajuda a compreender que há certos princípios teológicos perenes, os quais são aplicáveis a diferentes contextos, mas que unem a nossa tradição cúltila no decorrer dos séculos.

³⁰ CLOWNEY, *Corporate Worship: A Means of Grace*, p. 98-100.

³¹ VANDRUNEN, *Glória somente a Deus*, p. 112-113.

³² WHITNEY, *Private Worship*, p. 289-290.

³³ VANDRUNEN, *Glória somente a Deus*, p. 113.

Já foi mencionada a preocupação da *Confissão de Fé de Westminster* em alertar seus leitores sobre as “assembleias públicas, que não devem ser descuidadas, nem voluntariamente negligenciadas ou desprezadas” (21.6). Outro exemplo mais acessível ao público brasileiro é a discussão de João Calvino em suas *Institutas da Religião Cristã*, na qual ele trata sobre a ordenança de assembleias sacras e apela para a educação eclesiástica (o ministério da pregação da Palavra) como o modo ordinário pelo qual Deus leva a sua igreja à maturidade. Nessa seção das *Institutas* ele afirma que, movidos por orgulho ou desavença, alguns cristãos acham que podem usufruir “suficiente proveito lendo e meditando em particular, e com isso desprezam as reuniões públicas e consideram a pregação como sendo supérflua”. Os adeptos de tal separação da igreja não ficam sem o castigo divino, quando se deixam encantar por erros e delírios. Por isso, Calvino encerra com uma exortação: “não relutemos em usar deste exercício da piedade que Deus, por sua instituição, nos mostrou ser necessário e tão insistentemente recomenda”.³⁴

No entanto, esta seção do artigo se dedica a um sermão de David Clarkson (1622-1686) acerca da prioridade do culto público em relação à adoração privada. Clarkson foi um puritano que pastoreou juntamente com John Owen e, depois da morte deste, o sucedeu no pastorado da mesma igreja. Em suas obras, está publicado um sermão intitulado “Public Worship to be Preferred Before Private” (O culto público deve ser preferido ao particular), baseado no Salmo 87, verso 2.³⁵ Ele explica que as “portas de Sião” se referem ao lugar que o Senhor escolheu para habitação, onde o templo foi construído, isto é, o lugar de adoração. Pressupondo que Deus era adorado nas casas do povo de Deus (cf. Js 24.15), Clarkson deduz que o verso 2 nos ensina que Deus prefere a adoração pública sobre a adoração particular.³⁶

Se alguém disser que tal ensinamento valia para a época da lei, Clarkson responde que a diferença do culto público entre o período da lei e do evangelho (isto é, Antigo e Novo Testamentos) é circunstancial, ou seja, quanto ao lugar de adoração. Enquanto no Antigo Testamento o lugar de adoração pública era santo (Dt 12.13-14), esse lugar era um tipo de Cristo (Jo 2.19), no Novo Testamento tais sombras são cumpridas em Cristo conforme prometido no Antigo Testamento (Ml 1.11) e observado pelo próprio Cristo (Jo 4.21) e pelos apóstolos (“em todo lugar”, 1Tm 2.8). Portanto, embora haja diferenças circunstanciais entre a adoração do Antigo Testamento e do Novo Testamento quanto ao lugar e quanto às cerimônias, “todas as razões morais pelas quais

³⁴ CALVINO, João. *Institutas da Religião Cristã*. Edição clássica de 1559. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, IV.1.5.

³⁵ CLARKSON, David. *The Works of David Clarkson*. Vol. 3. Carlisle: The Banner of Truth, 1988 (originalmente publicado em 1696), p. 187-209.

³⁶ *Ibid.*, p. 188.

a adoração pública deve ser preferida sobre a particular permanecem válidas tanto sob o evangelho como sob a lei”.³⁷

Clarkson apresenta doze argumentos para provar a prioridade do culto público,³⁸ a fim de demonstrar que a Escritura claramente trata mais de adoração pública do que de adoração particular. Como o intuito desta seção é apenas uma amostragem, alguns argumentos foram omitidos e outros condensados a fim de resultar em seis argumentos do puritano. Em primeiro lugar, David Clarkson diz que o culto público é prioritário sobre a adoração particular porque no primeiro há *maior reconhecimento da glória de Deus*. A glória de Deus é declarada mais amplamente na reunião de povos (Sl 96.1-3), na grande congregação (Sl 22.22,23,25). Em segundo lugar, no culto público há *maior manifestação de suas obras*. Embora Davi tenha percebido a beleza, a glória e o poder de Deus em sua devoção particular, ele anseia ver esse poder e glória no templo (Sl 27.4; 63.1-2). Estar na casa do Senhor é o seu grande deleite (Sl 84.1,2,10), como era dos reis Ezequias e Josias, de Jesus e dos apóstolos sempre presentes nas sinagogas e no templo. Afinal, é na igreja que vemos conversões acontecendo ordinariamente (*Confissão de Fé de Westminster* 25.2). Ele não se restringe a operar maravilhas em público, mas esse é o meio ordinário de fazê-lo.

Em terceiro lugar, no culto público há *maior experiência de sua presença*. As ordenanças públicas (pregação da palavra, ministração dos sacramentos, comunhão do corpo) são o sinal, a promessa de que Deus se fará presente de forma peculiar. A presença de Deus em privado é como um filete de água que em público se torna um rio pela reunião de pessoas. A presença do Senhor no culto público é como um banquete espiritual (Is 25.6). Em quarto lugar, no culto público há *maior edificação para o seu povo*. Os ofícios públicos para o aperfeiçoamento dos santos (Ef 4.12-15) significam que Jesus deu ordenanças e oficiais à sua igreja para que por meio deles as dúvidas fossem mais bem resolvidas, a escuridão dissipada e as tentações mais eficazmente vencidas. Na reunião pública nós também servimos uns aos outros e estimulamos uns os outros à adoração (Zc 8.20-21; Sl 34.3; 96.7-8; Hb 10.25). Brasas vivas se forem separadas esfriam, mas enquanto estão juntas aquecem umas às outras.³⁹

Em quinto lugar, no culto público há *maior segurança contra o engano*. Davi sabia que enquanto estava banido de sua terra e do culto em Jerusalém, ele estava sujeito a tentações de cair em idolatria (1Sm 26.19). O Novo Testamento também nos ensina que a reunião do povo de Deus nos livra de sermos agitados por toda sorte de doutrina (Ef 4.14). Aplicando aos nossos dias, podemos

³⁷ Ibid., p. 189.

³⁸ Ibid., p. 189-196.

³⁹ Ibid., p. 193.

dizer que é por isso que igrejas em casas e pequenos grupos não substituem a necessidade de ensino sólido por quem se debruça na Palavra, como é o caso de igrejas na China em pleno século 21.⁴⁰ Em sexto lugar, há *maior semelhança com o céu*. Quase toda adoração retratada no céu é comunitária (Apocalipse). Isso significa que a adoração coletiva está mais próxima da experiência celestial. As incontáveis hostes de anjos e a igreja dos primogênitos compõem uma grande assembleia na Jerusalém celestial (Hb 12.22-23).⁴¹

Esses seis argumentos são suficientes para demonstrar como a teologia reformada da seção anterior em grande parte já se faz presente no século 17. Após apresentar essas razões para defender a prioridade do culto público, Clarkson levanta a objeção feita por outros de que podemos experimentar mais da presença de Deus, da assistência do Espírito, mais alegria e afeições aumentadas em nossas devoções particulares. Ele responde dizendo que experiências não são regra e podem ser enganosas, que ocasiões especiais não deveriam ser padrão, que tais experiências podem ser fruto do culto público ou um teste divino para ver se você abandona o culto, que a falta de desfrute do culto público pode ser resultado de nossas faltas, dentre outras razões.⁴²

Clarkson termina o sermão com duas aplicações: uma repreensão e um encorajamento.⁴³ Num dos direcionamentos sob a aplicação encorajadora, Clarkson afirma que devemos olhar o culto público com os olhos da fé que pode enxergar diferença entre cultuar em casa e cultuar publicamente. Isto é, os sentidos não veem muita diferença entre a leitura pública das Escrituras e a leitura em casa, entre a pregação e outro bom discurso. Todavia, os olhos da fé são capazes de enxergar uma bênção, uma presença e um proveito especiais na adoração pública, assim como os visitantes enxergaram no menino Jesus envolto em faixas um rei digno de adoração. No momento, o exterior do culto público é como aquelas pobres faixas que envolviam o bebê, sem glória aparente; mas o próprio Cristo está envolto nelas, existe glória espiritual no interior que deve ser discernida e apreciada pelo fiel.⁴⁴

CONCLUSÃO

A pandemia global que afetou as atividades eclesiais em tempos recentes de forma nenhuma deve ser culpada pela falta de cultos ou pelo decréscimo de membresia em algumas igrejas. A pandemia apenas trouxe à tona um entendimento dicotomizado de culto público e vida cristã que já estava

⁴⁰ DEYOUNG, Kevin, KLUCK, Tedd. *Por que amamos a igreja: uma avaliação positiva das instituições e da religião organizada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 161-162.

⁴¹ CLARKSON, *The Works of David Clarkson*, v. 3, p. 194.

⁴² *Ibid.*, p. 197-202.

⁴³ *Ibid.*, p. 202-209.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 207.

presente anteriormente. Houve muitas outras razões que corroboraram para uma desvalorização do culto público (fatores político-sociais, preocupações familiares, temores quanto à saúde e a carência de recursos científicos). Porém, tais fatores não teriam sido determinantes se a teologia do culto estivesse bem arraigada no coração desses desagregadores do povo de Deus.

Por isso, este artigo se propôs a argumentar em prol do óbvio: a necessidade de nos ajuntarmos para cultuar como igreja. A partir das ocorrências em prol de uma assembleia ou reunião do povo ao longo de toda a Escritura, e a partir do arrazoado de vários teólogos reformados contemporâneos, demonstrou-se que a igreja é essencialmente um povo que adora e um povo que se reúne. Tal reunião doxológica se assemelha à adoração celestial e antecipa a adoração eterna. O resgate do valor prioritário do culto público para a vida cristã teve a ilustração do pensamento puritano de David Clarkson.

O tempo presente requer que se fale da necessidade do culto público, não apenas como dever, mas também como o prazer da vida cristã. Conforme escreveu David Mathis:

O culto corporativo é um meio de graça não quando estamos presos na emoção do que estamos fazendo, mas quando experimentamos o segredo da adoração – a alegria do auto-esquecimento – à medida que juntos focalizamos em Jesus e suas muitas perfeições.⁴⁵

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has revealed a theology of worship with little discernment between the different types of worship and the effects of highlighting a private spirituality. Such theology resulted in a devaluation of public worship. The Reformed tradition has argued that corporate worship is part of the essence of the church, and without such worship the church abandons its doxological and assembled essence. Besides, this tradition has historically defended the priority of public worship over private worship for the well-being of our Christian life. Therefore, corporate worship is seen as necessary and useful to cultivate a healthy spirituality.

KEYWORDS

Public worship; Ecclesiology; Christian life; Pandemics of COVID-19; David Clarkson.

⁴⁵ MATHIS, David. *Habits of Grace: Enjoying Jesus through the Spiritual Disciplines*. Wheaton: Crossway, 2016, p. 158.